

REVISTA SBAT TEATRO

Prêmio Ollantay 1987

ADEUS A
FLÁVIO RANGEL

QUEM SE LEMBRA DE
ARTHUR AZEVEDO?

LEMBRANÇA DE PIAF

RÁDIO CHEGA
AOS 65

SONIA sempre
GABRIELA

No 467 — Rio de Janeiro — Agosto-Setembro-Outubro de 1988 — Cz\$ 500,00 — Exterior: US\$ 7,50.

Direito de Autor não se confunde
com Direito de Intérprete

Lauro Cezar Muniz e Gugu Olimecha

Posse Festiva nos 71 anos da SBAT



Aspecto parcial da assistência e mesa dirigente da sessão.

A tradicional comemoração da passagem de mais um ano de fundação da SBAT, festejada na sede carioca da entidade e a que compareceram personalidades ilustres da vida pública brasileira, teve outro motivo de realce: a posse dos novos Conselheiros, Lauro Cesar Muniz substituindo Miroel Silveira e Gugu Olimecha, substituindo Mário Magalhães, nas duas vagas abertas com a morte daqueles estimadíssimos companheiros.

Na sessão, presidida por Guilherme Figueiredo, fizeram-se ouvir vários

oradores como o próprio Guilherme e Daniel Rocha, presidente da SBAT; Rodrigo Farias Lima, diretor e representante da FUNARJ; Maria Helena Araujo, pela FUNDACEN do Ministério da Cultura; e os novos conselheiros, saudados, respectivamente pelos Conselheiros-Diretores Roberto Ruiz e Aldo Calvet, que traçaram os perfis de Lauro Cesar Muniz e Gugu Olimecha, assinalando-lhes os êxitos e contribuições à literatura teatral.

Ressaltando o grande prestígio de autor de Lauro Cesar e homenagean-

do, com justiça, a enorme presença, hoje, da contribuição de São Paulo ao panorama do teatro brasileiro, Roberto Ruiz disse:

“Cada companheiro nosso que se vai, depois de iluminar-nos com suas opiniões e amizade, recebe de nós, na primeira sessão que se sucede após sua partida definitiva, uma última salva de palmas, as palmas que sempre lhe soaram agradavelmente aos ouvidos, ante suas obras. Outros vêm então, e são recebidos também com essas palmas, numa continuidade que faz essa tradi- ▶



Os dois novos Conselheiros, Gugu Olimecha e Lauro Cesar Muniz, ladeando o presidente da SBAT, Daniel Rocha.

ção. A cadeira 22 que hoje passa a ser ocupada por Lauro Cesar Muniz, foi, antes, de Miroel Silveira, companheiro que nos deixou saudades, obra e testemunho de lutas por um teatro valente e batalhador. Sua cadeira era e é, a cadeira de São Paulo, típica, embora outros autores paulistas nos honrem aqui, em nosso Conselho, com seu talento, renome e experiência. E é outra tradição. Bem de acordo com a importância alcançada pelo Teatro em São Paulo, e não só na Capital, onde dezenas de companhias atuam com espetáculos memoráveis, hoje totalmente autônomos e desvinculados da extensão que antes os jungia ao que se fazia no Rio de Janeiro. Nos quadros sociais da SBAT, São Paulo, Capital e Interior, têm hoje um peso extraordinário, acusando a pujança do pensar e da criatividade teatral nessa unidade de

nossa Federação, onde grupos profissionais, estudantis e amadores, mantêm cada vez mais viva a chama da arte teatral, num entusiasmo sem precedentes em qualquer outro Estado. Ao trazermos para o nosso convívio, agora, o paulista de Ribeirão Preto, Lauro Cesar Muniz, temos a satisfação de saudar não só um dos mais brilhantes expoentes do moderno teatro nacional, honra também da nossa televisão e do cinema que o conquistaram para valorizarem os seus espetáculos, mas um brilhante intelectual do qual, em plena atividade hoje, ainda muito se pode esperar amanhã”.

Mais adiante, o orador recordava a trilha de êxitos do escritor:

“A REVISTA DE TEATRO, órgão oficial desta Sociedade, tem procurado

espelhar o que tem sido essa carreira vitoriosa. Várias de suas peças já foram por ela publicadas, como *O Santo Milagroso*, sucesso que está de volta ao cartaz com inteira justiça, e que foi por nós divulgada já em 1967, prestando homenagem ao jovem autor que surgia com o ímpeto dos vitoriosos. Poucos meses depois, em 1968, publicávamos *Este ovo é um galo*, deliciosa farsa em que o saudoso ator Sadí Cabral tinha igualmente uma deliciosa criação na figura do “Coronel Faustino”, um tipo social de eleição em toda a obra de Lauro Cesar. Voltamos a publicar-lhe uma peça, no ano seguinte, sedimentando um caminho vitoriosamente palmilhado, com a divulgação de *A Infidelidade ao alcance de todos*. Lauro Cesar estava, então, absolutamente reconhecido como um dos mais talentosos, brilhantes e vigo-▷

Outro aspecto da mesa dirigente quando Roberto Ruiz pronunciava o discurso de recepção a Lauro Cesar.



rosos autores de nosso teatro atual.”

Prosseguindo no perfil, o orador analisa:

“Suas comédias teatrais têm o sabor da brasilidade mais intensa, numa época de tantas cópias e servilismo ao que é de fora. Seus temas prediletos, desde o princípio, tinham como centro as pequenas cidades do Interior deste país-continente. O que não aconteceu por acaso e figura em sua obra como um símbolo e um testemunho. Lauro viveu muito tempo no interior paulista, em cidades onde quem sabe ver muito enxerga, e de onde se pode fazer uma ampliação projetiva do ser brasileiro. Ser brasileiro que ele tem sabido colocar nos palcos, nas telas, nos olhos e ouvidos deste país, como um brado de alerta, como um grito dado a ouvidos moucos, cumprindo, com rara exemplaridade, a meritória missão do dramaturgo bem sucedido, que é a de apontar os males de seu tempo e tentar mostrar caminhos e reflexões. Formado pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, onde fez o Curso de Dramaturgia; premiadíssimo desde 1959, quando alcançou sua primeira vitória no IV Festival do Teatro Amador de S. Paulo, Lauro Cesar é um colecionador de prêmios e aplausos com o crescente número de suces-

os que escreveu para teatro, como os já citados e mais *Louco por Loucos*, *Os Anjos Censurados*, *A Morte do Imortal* e *A Comédia Atômica*, e na televisão, onde atua desde 1961, e onde marcou a estréia com êxitos como *A Bruxa*, *Terra de Cegos*, *Bar de Esquina* e *A Estátua*, sendo recentes novelas de extraordinária feitura e agrado que o tornaram, hoje, um dos maiores nomes do gênero”.

Para receber Gugu Olimecha, Aldo Calvet também ocupou o microfone, enfatizando: “... como dramaturgo ou revistógrafo, Gugu Olimecha possui apurada sensibilidade, extraordinário talento criador, pois aí estão seus trabalhos, sua obra teatral, o êxito de várias peças testadas diante do público e da crítica, constatando toda sua força e rica imaginação para uma especialidade literária que exige um dialogismo pleno de sentimento de estesia. Gugu Olimecha é autor, diretor, ator. Descende de uma família de circenses famosos — como o meu dileto amigo Luís Olimecha, — artistas do picadeiro que encheram de alegria várias gerações por esse Brasil e fora também do Brasil, porque o Circo, o grande anfiteatro em que a arte da acrobacia, da equitação, do equilibrismo, do cômico pela alma dilacerada dos palhaços, é

até vida de profissionais nômades — aquela que os romanos da decadência pediam lado a lado com o pão de cada dia.

“O Conselho Deliberativo da SBAT se enriquece com a integração nele, desse notável revisteiro”.

Os novos Conselheiros fizeram-se então ouvir, destacando Lauro Cesar a figura marcante do Conselheiro que o precedeu na Cadeira que ora ocupa, seu amigo pessoal, e sua ação constante pelo Teatro e o Circo, como jornalista, autor, escritor e professor da USP.

Daniel Rocha e Guilherme Figueiredo, em suas orações, ressaltaram a importância da solenidade, a personalidade dos novos Conselheiros e o delicado instante vivido pelo país, bem como suas esperanças em relação ao novo texto constitucional.

Entre as figuras de relevo que nos distinguiram com sua presença, assinalamos Eva Todor, Paulo Nolding, Ricardo Petraglia, diretor do Museu de Teatro do Estado; Dalton Vogeler, presidente da ADAF e Ricardo Rotenberg, ex-administrador regional de Copacabana e representante do PDT.

Lauro Cesar fez-se acompanhar de sua digníssima esposa que foi convidada a participar da mesa dirigente da sessão.